

# BELO HORIZONTE EM RECORTES

*Ivete Lara Camargos Walty\**

## RESUMO

A partir do conceito de rizoma de Deleuze e Guatari, faz-se uma montagem de trechos de textos literários sobre Belo Horizonte, intercalados com extratos do livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, com o objetivo de se esboçar faces/retratos da cidade.

**T**rata-se de um rizoma (...) entraremos então por qualquer extremidade, nenhuma vale mais que a outra, nenhuma entrada é privilegiada, mesmo que for quase um beco sem saída, uma estreita passagem, um sifão, etc. Procuraremos apenas com quais outros pontos se conecta aquele pelo qual se entra, por quais cruzamentos e galerias se passa para conectar dois pontos, qual é o mapa do rizoma e como imediatamente ele se modificaria se entrássemos por um outro ponto. (Deleuze, 1977, p. 7)

(...) os dois renques prodigiosos dos ficus cujas copas de veludo verde tomavam tons prodigiosos ao sol descambante, metalizavam-se e fervilhavam em cada folha cintilações de esmalte. (Nava, 1979, p. 262)

Para atrás era a montanha, o Cercado, o Curral que, sob um céu que desmaiava, ia perdendo o verde do mato e o vermelho do chão para esticar-se em todo o horizonte numa cor violeta dum roxo de quaresma que avançava seus dois braços em direção ao último clarão do crepúsculo para apagá-lo enfim e desaparecerem por sua vez, na pulverização azul-marinho e depois negra da noite que se constelava. (...) (Nava, 1979, p. 263)

Esta serra tem dono. Não mais a natureza  
a governa. Desfaz-se, com o minério,

uma antiga aliança, um rito da cidade. (Andrade, 1989, p. 727)

Lá estava a parede da serra do Curral lembrando, (...) um pássaro caído e de asas abertas. O albatroz de Baudelaire. (Nava, 1979, p. 5)

(...) em toda sua extensão, a cidade parece continuar a multiplicar o seu repertório de imagens: no entanto, não tem espessor, consiste somente de um lado de

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

fora e de um avesso, como uma folha de papel, com uma figura aqui e outra ali, que não podem se separar nem se encarar. (Calvino, 1995, p. 97)

(...) Para os lados do Calafate cada transversal nos oferecia o espetáculo de outro horizonte. Aimorés, Bernardo Guimarães, Santa Rita Durão. Como se o centro da Terra estivesse descoberto e todos os metais e todas as rochas estivessem em fusão derramando-se em ondas oceano ruivo maré montante dos limites mais distantes. Seguíamos olhos cegos parando em cada esquina nos inundando de luz. (Nava, 1979, p. 264)

Há um labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem. (Rama, 1984, p. 53)

Dali olhávamos o farol do Posto Veterinário e os espetáculos que se desenrolavam no horizonte belo. O sol, ainda alto, não diferenciava a linha do infinito onde se preparava a cuba em que ele, como Petrônio, morria todas as tardes dentro do banho que sua sangria ia tornando cada vez mais rubicundo. Naquele momento nuvens que pareciam inespessas formavam cortina cheia de ângulos duros e superfícies espelhantes que viravam gigantescos icebergs ou Andes de picos brancos desprendidos de sua base terrestre suspensos ali. Mas durava pouco esse gelo e logo o deus descendo começava sua transmutação plutônica. Suas camadas endureciam em vidro, em cristal de rocha mais apanhado, num quartzo brancacento em lascas de basalto, calhaus de cimento e alvo calcário, cinza e alizarina. Já esse giz se cozia mais, queimava, ficava arenoso – dourado como o grês, como o pão no ponto. Depois era um derramar de opalas, pérolas, pedras de lua, ametistas amarelo mel, cabochões gigantescos de rubi e a invasão do goles e da púrpura logo viradas ferrugem de pórfiro e finalmente em sangue vivo e aceso. (Nava, 1979, p. 264-265)

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,  
calma de noturno de Belo Horizonte ... (Andrade, 1974, p. 125)

Lá o imenso azul desenha ainda as mensagens  
de esperança nos homens pacificados – os doces mineiros  
que teimam em existir no caos e no tráfico. (Andrade, 1989, p. 727)

Com quantos fios se tece o belo horizonte que ainda resiste em meio ao caos dos automóveis, violência e poluição? (Miranda, 1996, p. 15)

“Foi assolada toda a serra; de improviso  
derrubaram minhas tendas, abateram meus pavilhões.”  
(Andrade, 1989, p. 727)

A cidade sonhada o possuía jovem; em Belo Horizonte, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações. (Calvino, 1995, p. 120, texto modificado)

É verde demais. Azul demais. Assim, só em verso, e em verso não é substância de que se faz o nosso dia-a-dia terreno. Por isso, acaba enjoando como uma

salada de frutas depois de um bombom de chocolate (ou outra salada de frutas). (Andrade, 1987, p. 10)

Não há mais do que azul. Ninguém viu no mundo uma orgia tal de azul. (Rio, apud. Miranda, 1996, p. 101)

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. (Calvino, 1995, p. 16)

Vou-me embora prá Pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou-me embora para Pasárgada (Bandeira, 1974, p. 127)

O Amor fugiu da Cidade

Habitantes da Cachoeirinha protestam contra as serenatas que o amor infeliz realiza ali todas as noites. A Cachoeirinha moderniza-se. (Andrade, 1987, p. 196)

Adeus Lagoinha adeus

Estão levando o que resta de mim

(Horta e Horta, apud. Miranda, 1996, p. 126)

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso ... (Calvino, 1995, p. 18)

Eu conheci a rua da Bahia quando ela era feliz. Era feliz e tinha um ar de importância que irritava as outras ruas da cidade.

Um dia, parece que a rua da Bahia teve um desgosto qualquer e começou a decair. Hoje, a gente olha para ela com um respeito meio irônico e meio triste. Como quem olha para Ouro Preto. (Andrade, 1987, p. 54)

Um moço subia a Rua da Bahia

Um moço descia a Rua da Bahia

A Rua da Bahia ficou encantada com o moço que subia

A Rua da Bahia ficou encantada com o moço que descia. (Andrade, 1978)

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (Calvino, 1995, p. 14-15)

Gosto da rua Caetés, a rua mais interessante da cidade. Rua de bigodes e gritos joviais, de pequeninos arranha-céus e de grandes laranjas amadurecendo em caixotes. Rua de sedas e citrolas. Elegante. Popular. Nossa.

E depois, é também a rua mais camarada de todas; sempre disposta a fazer uma diferença, pra você ficar freguês. (Andrade, 1987, p. 54)

Meus olhos têm melancolias,  
minha boca tem rugas.

Velha cidade!

As árvores tão repetidas. (Andrade, 1978, p. 7)

O sorriso desencantado da Avenida Afonso Pena. (Andrade, 1987, p. 76)

Em BH, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam. (Calvino, 1995, p. 51, texto modificado)

Depois os meninos vieram saindo, cada um com sua malinha a tiracolo, e com as professoras bonitas tomando conta da turma para a travessia perigosa dessa Broadway sertaneja que é a Avenida Afonso Pena às quatro da tarde. (Andrade, 1987, p. 110)

Cidade indecisa, marasmática, sem vida própria, que ninguém acreditava fosse adiante. (Vasconcelos, apud: Miranda, 1996, p. 95)

Ponto – porque era o local da Estação dos Bondes. (...) Porque a estação debruçava-se sobre ele, naquele ponto de inflexão da rua da Bahia. (Nava, 1979, p. 3)

A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir. (Calvino, 1995, p. 23)

Considerado como vazio formado pelo cruzamento e encontro de três logradouros e desenhado por retas de esquina a esquina, o Bar do Ponto é um vasto hexágono irregular que teve várias vezes a honra de atravessar, no tempo em que se o fazia flanando, conversando sem esperar o pare! e o siga! da luz vermelha, da verde, das mangas brancas dos guardas e do trilo de seus apitos. (Nava, 1979, p. 5)

Sossega, minha saudade. Não me cicies outra vez  
o impróprio convite.

Não quero mais, não quero ver-te,

meu Triste Horizonte e destroçado amor. (Andrade, 1989, p. 727)

(...) Onde andarão? os restos virados poeira da minha antiga Boa Viagem ... A Boa Viagem das festas de barraquinhas e do maio da Maria... A Boa Viagem da velha gameleira da esquina de Sergipe e Aimorés onde dum côncavo do tronco nascera uma palmeira ... Que acaso? que ave? que anjo? acertara aquele coquinho na anfractuosidade do outro vegetal e fizera-os misturar suas seivas. A árvore dupla vinha do tempo do Curral. Morreu, depois, com ele. (Nava, 1979, p. 227)

Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a à atual. (Calvino, 1995, p. 30)

Estação da central, Jardim da Praça da Estação... Imagens indissolúvelmente ligadas à do ribeirão Arrudas. Lembro dele, de minhas andanças nas suas ribas. Quando suas águas passavam sobre o dorso Bahia-Januária, parecia um riacho

da roça. Para os lados da estação ele aparecia canalizado, suas margens ligadas por pontes de cimento. (Nava, 1979, p. 259-260)

Este Arrudas mal-cheiroso que tantos estragos fez, com suas inundações. Hoje canalizado, disciplinado, e apenas marcando um dos limites do Parque. (Albergaria, 1994, p. 19)

Acho muita vida nesta vidinha.

Belo Horizonte. (Almeida, apud Miranda, 1996, p. 98)

Hugo era o mais ágil: galgava o parapeito com presteza, corria sobre a estreita fita de cimento, a trinta metros do solo, como se andasse em cima de um muro. Curvado, subia o grande arco que se elevava, abrupto, sobre a própria amurada. Eduardo subia do outro lado. Lá em cima se encontravam, equilibristas de circo, passavam um pelo outro, vacilavam, ameaçavam cair. (Sabino, 1980, p. 57)

Como algo que fugia do controle, cafuas e barracões iam brotando pelas ruas e avenidas, expressando uma luta silenciosa por um lugar na cidade e desfazendo cotidianamente a utopia das elites de erguerem um mundo moderno, no qual a pobreza permaneceria confinada e camuflada nos subúrbios. (Julião, apud. LARA, 1996, p. 101)

Debaixo do Viaduto, do lado que fica entre a rua da Bahia e o Parque Municipal, havia um valhacouto de indigentes: eram cegos, coxos, lázaros, bêbados, vagabundos ... (Sabino, 1979, p. 201)

Belo Horizonte se recorda do jogo de forças entre a senzala e a casa-grande, entre a fazenda e o povoado, entre o vilarejo e a cidade. (Chamoiseau, 1993, p. 278 – texto modificado)

Belo Horizonte – dirá Drummond muito mais tarde, no dolorido poema com que se despediu da cidade para sempre – era então “uma provinciana saudável, de carnes leves pesseguíneas”. Não era, lembrará o poeta, rebatendo o “Noturno de Belo Horizonte” de Mario de Andrade, “uma tolice como as outras”, era “lugar de ler os clássicos e amar as artes novas”. “Uma balzaquiana com ares de Grande dama”, definiu-a Paulo Pinheiro Chagas em suas memórias. (Werneck, 1992, p. 32)

Chega um momento da vida em que, entre todas as pessoas que conhecemos, os mortos são mais numerosos que os vivos. E a mente se recusa a aceitar outras fisionomias, outras expressões: em todas as faces novas que encontra, imprime os velhos desenhos, para cada uma descobre a máscara que melhor se adapta. (Calvino, 1995, p. 90)

O poeta Emilio Moura, numa entrevista, também registrou suas lembranças de um burgo delicioso: “A cidade começava, praticamente, na praça Sete, então 12 de Outubro, e acabava ali pelas imediações do Grande Hotel. O resto era paisagem. Pura paisagem”. (Werneck, 1992, p. 32)

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; (Calvi-

no, 1995, p.115)

Para o poeta e romancista Guilhermino César, o Bar do Ponto era “o umbigo”, a “meca boateira de Belo Horizonte”, “polpa dos ódios e das paixões, o sal da maledicência viva”, por onde passavam “todos os bondes e boatos”. (Werneck, 1992, p. 35)

O Bar do Ponto é o lugar da palavra, do comentário, da fala. A palavra nasce escrita como o desenho da cidade que vai surgindo deste ponto, (...) (Lara, 1996, p. 79)

Bar ou café, mais de que confeitaria, a ele toda a gente se referia no masculino: o Estrela. Apresentava-se orgulhosamente como “uma casa de elite, freqüentada pelas famílias de escol e preferida pelos acadêmicos de linha, (...)” (Werneck, 1992, p. 37)

A cidade plantou no coração

Tantos nomes de quem morreu

Horizonte perdido no meio da selva.

(Borges e Borges, apud. Miranda, 1996, p. 253)

Como tudo o mais em Belo Horizonte a vida daqueles moços se organizava em torno da rua da Bahia: (...) No Grande Hotel, em 1924, tiveram seu primeiro encontro com Mário e Oswald de Andrade, decisivo para a formação de todo o grupo. (Werneck, 1992, p. 43)

Belo Horizonte, bem querer. (Lisboa, apud. Miranda, 1996, p. 263)

Na Nova Celeste praticava-se uma bizzarria boemia, à base de café com leite, broa de fubá, biscoito de polvilho e pão de queijo. A novidade, em relação a outros estabelecimentos das imediações, naquela Belo Horizonte de 241 mil habitantes, é que a suas mesas costumavam sentar-se também algumas moças de família, muitas delas aspirantes à literatura – para a imensa inveja do poeta Emilio Moura, cuja roda literária, nos anos vinte, tinha sido exclusivamente masculina. (Werneck, 1992, p. 125)

As populações e os costumes mudaram diversas vezes; restam o nome, o lugar em que está situada, os objetos mais resistentes. (Calvino, 1995, p. 99)

Foi de fato um tempo de sacudidas nos costumes belo-horizontinos, aceleradas, em 1961, com a inauguração do Conjunto Archangelo Maletta, na esquina onde existira o Grande Hotel. Uma revolução, na verdade: num só edifício se juntaram bares, restaurantes, inferninhos, para não falar nas *garçonnières* ao alcance de um elevador. (Werneck, p. 167-168)

A população de Belo Horizonte se renova: os dialogadores morrem um após o outro, entretanto nascem aqueles que assumirão os seus lugares no diálogo, uns num papel, uns em outro. Quando alguém muda de papel ou entra nela pela primeira vez, verificam-se mudanças em cadeia, até que todos os papéis sejam novamente distribuídos: (Calvino, 1995, p. 76, texto modificado)

Na esquina da Rua Guaicurus com São Paulo, ao lado do restaurante Bag-

dá, havia um tiro ao alvo muito freqüentado e a campeã era Hilda Furacão; (...) (Drummond, 1991, p. 263)

O que é a cidade? pergunta você.

É o gargalo onde nossas histórias se juntam. (Chamoiseau, 1993, p. 261)

No dia 31 de março de 1964, Belo Horizonte amanheceu ocupada por tropas militares; quando deixei meu apartamento na Rua Rio Grande do Norte para comprar pão na padaria Savassi, um tanque do Exército vinha pela Avenida Getúlio Vargas; lembrava um imenso inseto verde e, na esquina da Getúlio Vargas com Cristóvão Colombo, indiferente ao sinal, que fechou para os mortais comuns, dobrou à direita e, aplaudido por uma senhora de cabelos oxigenados, seguiu na direção do Palácio da Liberdade. (Drummond, 1991, p. 267)

Liberdade não é graviola na ponta do galho! Vocês tem que arrancá-la. (Chamoiseau, 1993, p. 94)

Arrancada no espaço e no tempo, Belo Horizonte não tem origem. Isto é, não há nada na origem que faça conexão necessária com o espaço onde ela se encontra. Se na cidade espontânea as casas vão se sucedendo à mercê do terreno e formando as ruas – o privado desenha o público – em Belo Horizonte o traçado das ruas tudo impõe e obriga. Não importa se há um morro, um pântano ou um olho d'água, é preciso cortar, aterrar, canalizar para que o Estado se estabeleça senhor absoluto dos tempos já que o passado foi negado e o futuro está delineado a régua e compasso no espaço público que gera o privado. (Lara, 1996, p. 56)

O urbano é uma violência. A cidade se estende de violência em violência. Seus equilíbrios são violências. (Chamoiseau, 1993, p. 136)

(...) era um pandemônio, enfim, a área de terra em que se preparava a futura capital. E todo aquele trabalhar vertiginoso e incessante desenvolvia-se no meio e em torno de casa velhas do antigo arraial e por entre milhares de cafuas e ranchos cobertos de sapé ou de zinco, salpicados por toda parte, desordenadamente. (Barreto, Abílio. apud. Lara, 1996, p. 65)

O urbanista já não escolhe entre a ordem e a desordem, entre a beleza e a feiúra; doravante, erige-se em artista, mas qual? (Chamoiseau, 1993, p. 166)

(...) Procuo no parque a alma da cidade. Alma que sei bastante arranhada e agredida. (Albergaria, 1994, p. 7)

A cidade crioula restitui ao urbanista que gostaria de esquecer-la as camadas de uma identidade nova: multilingua, multiracial, multi-histórica, aberta, sensível à diversidade do mundo. Tudo mudou. (Chamoiseau, 1993, p. 197)

Descendo dos curralenses, das poucas famílias remanescentes, já que Aarão Reis não quis saber dos papudos, destruiu suas choças, os expulsou para longe de seu canteiro de obras. Para onde convocou operários italianos. (Albergaria, 1994, p. 20)

O cento-e-quinze passa direto, entupido de gente. São seis horas e o homem de boné está ali desde cinco e mais. Sabe que vai perder o serviço de novo. (...) O furador de fila também tinha de pegar o serviço às sete, mas agora é tarde: "Tou

morto, me mataro, me vale São Sebastião!” A polícia chega descendo o cacete no bolo, mas o bolo vai engrossando assim mesmo, e a rua vira a maior bagunça. (Neves, 1983, p. 95)

Em Belo Horizonte, nós e os últimos que chegaram ao cinturão dos velhos bairros reinventamos tudo: leis, código urbanos, relações de vizinhança, (...) (Chamoiseau, 1993, p. 282, texto modificado)

Pelo meu discurso, pode-se tirar a conclusão de que a verdadeira Belo Horizonte é uma sucessão no tempo de cidades diferentes, alternadamente justas e injustas. Mas o que eu queria observar é outra coisa: que todas as futuras Belo Horizontes já estão presentes neste instante, contidas uma dentro da outra, apertadas espremidas inseparáveis. (Calvino, 1995, p. 147, texto modificado)

## RÉSUMÉ

À partir du concept de rhizome de Deleuze et Guatari, on fait un montage de passages retirés de textes littéraires sur Belo Horizonte, intercalés d'extraits de l'oeuvre **Les villes invisibles**, d'Italo Calvino, avec l'objectif d'ébaucher des visages ou des portraits de la ville.

**Referências bibliográficas**

- ALBERGARIA, Lino de. **A estação das chuvas**. Belo Horizonte: Lê, 1994.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Crônicas**. 1930-1934. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**; 10 livros de poesia. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ANDRADE, Mário. **Poesias completas**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1974.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CHAMOISEAU, Patrick. **Texaco**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- DELEUZE, Jules et GUATARRI, Felix. **Kafka**; por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- LARA, Fernando Luiz C. **Belo Horizonte**; da razão positivista à contaminação pelo cotidiano, uma visão através da literatura. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 1996. (Dissertação, Mestrado)
- MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Belo Horizonte**; a cidade escrita. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- NAVA, Pedro. **Beira-mar**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- NEVES, Jeter. **Fratura exposta**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Turismo, 1984.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SABINO, Fernando. **Encontro marcado**. 29. ed. São Paulo: Record, 1980)
- SABINO, Fernando. **O grande mentecapto**. 3. ed. São Paulo: Record, 1979.
- WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.